

ÉTICA, ESTÉTICA
E FILOSOFIA
DA LITERATURA



ORGANIZAÇÃO:

VITOR CEI, SARAH MARIA FORTE DIOGO
E SILVIO CESAR DOS SANTOS ALVES

Ética, estética e filosofia da literatura



Organização:

Vitor Cei

Sarah Maria Forte Diogo

Silvio Cesar dos Santos Alves

ABRALIC

Associação Brasileira de Literatura Comparada

Rio de Janeiro

2018

ABRALIC

Associação Brasileira de Literatura Comparada

Realização: Biênio 2016-2017

Presidente: João Cezar de Castro Rocha

Vice-presidente: Maria Elizabeth Chaves de Mello

Primeira Secretária: Elena C. Palmero González

Segundo Secretário: Alexandre Montaury

Primeiro Tesoureiro: Marcus Vinícius Nogueira Soares

Segundo Tesoureiro: Johannes Kretschmer

Conselho Editorial Série E-books

Eduardo Coutinho

Berthold Zilly

Hans Ulrich Gumbrecht

Helena Buescu

Leyla Perrone-Moisés

Marisa Lajolo

Pierre Rivas

Organização deste volume:

Vitor Cei

Sarah Maria Forte Diogo

Silvio Cesar dos Santos Alves

Coordenação editorial

Ana Maria Amorim

Frederico Cabala

SOBRE O INGÊNUO E O AUTORREFLEXIVO NO MUSICAL CINEMATOGRAFICO: LA LA LAND E DANÇANDO NO ESCURO

Luciana Molina Queiroz*

RESUMO: Este artigo investiga o gênero musical no cinema a partir de uma perspectiva materialista através da análise dos filmes *Dançando no escuro*, de Lars von Trier, e *La La Land*, de Damien Chazelle. Para tanto, conceitos existentes na Estética filosófica desde pelo menos *Poesia Ingênua e Sentimental*, de Schiller, tais como ingenuidade e reflexividade, são discutidos. Para Adorno, os produtos da Indústria Cultural são em sua maioria ingênuos. Ele elogia a reflexividade na arte porque a vê como uma possibilidade de transpor esse tipo de construção ideológica feita pela indústria. A hipótese é de que o gênero musical geralmente usa a autorreflexividade e retrata o show business, mas, ao invés de mostrar a opressão implícita na produção, esconde importantes aspectos do funcionamento da indústria cinematográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Autorreflexividade. Ingenuidade. Indústria Cultural. Cinema. Musical.

ABSTRACT: This paper investigates the musical genre in film from a materialist perspective through analyzing *Dancer In the Dark*, by Lars von Trier, and *La La Land*, by Damien Chazelle. In order to accomplish this aim, concepts that exist in philosophical aesthetics at least since *On Naïve and Sentimental Poetry*, by Schiller, such as naivety and reflexivity, are discussed. For Adorno, the products of Culture Industry are mostly naive. He praises the reflexivity in art because he sees it as a possibility of transposing this kind of ideologically construction made by the Industry. The hypothesis is that the musical genre usually uses the self-reflection and portrays the show business, but rather than showing the oppression implicit in the production the musical conceals some important aspects of the cinematographic industry.

KEYWORDS: Self-reflection. Cultural Industry. Naivety. Film. Musical.

*Doutoranda em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com bolsa do CNPq.

Theatre and Self-Reflection. FISCHER, Gerhard; GREINER, Bernhard (Editores). Editions Rodopi B. V: Amsterdam-New York, 2007.